

## Códigos do cárcere: a linguagem das mulheres em um presídio brasileiro

Eliane Souza Pereira  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: elianespereira@live.com

Valéria Viana Sousa  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

894

**Palavras-chave:** Mulheres encarceradas. Gírias de grupo. Sociolinguística

### INTRODUÇÃO

A língua é um elemento essencial para a evolução humana, funcionando como um recurso de socialização e sobrevivência. Constitui-se como um veículo de comunicação heterogêneo e mutável, refletindo e sendo refletida pelos e nos contextos em que existe, seja durante sua aquisição, seja em seu uso dentro de uma cela, considerada por nós como uma *sociedade dentro da sociedade*<sup>1</sup>. Diante dessa complexidade, a língua sofre variações, sendo uma delas as gírias de grupo, que podem ser definidas como vocábulos presentes na linguagem com a função de criptografar o conteúdo falado e representar um fator de socialização, resistência e identificação, geralmente, de populações marginalizadas. Com essas reflexões, este estudo, portanto, objetivou investigar as gírias utilizadas por mulheres encarceradas no Presídio Advogado Nilton Gonçalves, em Vitória da Conquista, BA.

As gírias de grupo são utilizadas por falantes com o objetivo de se comunicar de modo que pessoas fora do grupo não entendam o que está sendo dito. Dessa forma, esse tipo de gíria funciona como uma linguagem secreta, acessível apenas àqueles que foram iniciados nessa forma de comunicação (Preti, 2006). Por isso, a gíria se torna um elemento distintivo do grupo, funcionando como um instrumento de autoafirmação e

<sup>1</sup> Termo utilizado por Thompson (2002), citando Sparks (1975), para descrever o ambiente prisional.

**Realização:**



**Apoio:**



identificação, permitindo a expressão de sentimentos e críticas ao mundo, estabelecendo uma conexão direta entre o indivíduo e sua comunidade de prática.

Nesse contexto, a gíria se apresenta como uma das poucas formas de identificação e autodeterminação para certos grupos sociais (Preti, 1984). Dessa forma, as presidiárias utilizam gírias como uma maneira de enfrentar o processo de despersonalização imposto pelo sistema prisional (Pereira, 2024). Essa despersonalização é agravada pelas condições precárias e punitivistas da organização do sistema carcerário brasileiro (Braga, 2008), além de ser impulsionada pela discriminação de gênero estrutural e institucional que afeta as mulheres encarceradas (Pereira, 2020). Essas questões colocam as mulheres em situações ainda mais adversas do que aquelas enfrentadas pela população carcerária masculina.

Assim, diante da necessidade de estudar a linguagem utilizada por estas comunidades marginalizadas, foi utilizado o referencial teórico-metodológico das ondas sociolinguísticas, conforme os princípios estabelecidos pela Sociolinguística Variacionista (SV) (Labov, 1994), pela Sociolinguística Interacional (SI) (Gumperz, 1982) e pelos Estudos de Terceira Onda (ETO) (Eckert, 2012). Na teoria laboviana, os estudos realizados na primeira onda enfocam a correlação entre variáveis extralinguísticas (sociais) e variáveis linguísticas, estabelecendo uma base empírica para a análise sociolinguística. Na segunda onda, ou abordagem interacional, há o foco na forma como a variação linguística é usada em práticas interacionais específicas para construir identidades sociais. A terceira onda de estudos sociolinguísticos vai além dessas percepções, analisando como os indivíduos usam a variação linguística como recurso estilístico para posicionar-se dentro de suas comunidades de prática. Essas três abordagens (ondas sociolinguísticas) oferecem uma estrutura abrangente para entender como as gírias se difundem e se modificam dentro do ambiente prisional.

Diante disso, a pesquisa visa explorar como essas gírias refletem a identidade e a interação das internas com seu ambiente, bem como investigar a função dessas gírias como mecanismos de resistência e solidariedade dentro da comunidade carcerária.

**Realização:**



**Apoio:**



## **METODOLOGIA**

O estudo utilizou uma abordagem qualitativa, especificamente entrevistas sociolinguísticas, para coletar dados sobre o uso das gírias entre as internas. De acordo com Schilling-Estes (2007), entrevistas sociolinguísticas permitem que os participantes se expressem de maneira espontânea e autêntica, proporcionando uma visão mais aprofundada das práticas linguísticas em contextos específicos. Assim, a coleta de dados ocorreu sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa, líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio) Funcionalismo – CNPq, Grupo Janus/PPGLIN-UESB, coordenadora do projeto que faz parte do projeto “Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Sociofuncionalista, a partir da descrição e análise do corpus da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, cadastrado no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 34221214.9.0000.00552.

As entrevistas sociolinguísticas, realizada com um gravador de voz digital ICD-PX312, 2GB, da marca Sony, que duraram, em média, quarenta minutos, foram semiestruturadas e livre. Ao todo, dezenove entrevistas foram conduzidas, com dezoito delas gravadas e uma anotada. A primeira entrevista, feita em dezembro de 2019, não foi gravada devido às condições específicas, mas durou mais de sessenta minutos. As entrevistas subsequentes, realizadas em janeiro de 2020, aconteceram no jardim interno do presídio e dentro de celas, com as internas sem algemas e sob supervisão discreta, tendo uma duração média de quarenta a cinquenta minutos. Em 2022, as entrevistas realizadas no pátio comum da ala feminina foram mais rápidas, durando em média vinte minutos, e apresentaram menor naturalidade devido à proximidade com outras internas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados indicaram que as gírias são amplamente utilizadas dentro do presídio, funcionando como um meio de comunicação exclusivo e um marcador de identidade para as internas. Essas gírias possuem um caráter secreto, muitas vezes formadas a partir de um processo metafórico, que contribui para a criação de um vocabulário exclusivo, acessível apenas aos membros da comunidade de prática.

**Realização:**



**Apoio:**



Assim, o uso das gírias pelas internas está intrinsecamente ligado à sua vivência no ambiente prisional. A linguagem serve como uma forma de acordo social e construção de identidade dentro do grupo. Bell (1984) argumenta que a linguagem é uma ferramenta crucial na formação de identidade e coesão social. No contexto do presídio, as gírias atuam como um símbolo de pertencimento e solidariedade entre as internas. Dessa forma, essas gírias emergem como uma resposta ao ambiente opressor, proporcionando uma forma de expressão que é, ao mesmo tempo, inclusiva e exclusiva. Observe a seguir trechos do uso das gírias:

897

(01) Letícia: <sup>2</sup>[...] aí quando eu cheguei aqui era muito cheia, aí as **comarcas** era por tempo de cadeia, o mais antigo dormia nas **jegas**, quem chegou por agora, mais novo, dormia na **praia** [...]

(02) Bianca: O que chama de bilhete, aqui chama de **catatau**, é um bilhete, a gente escreve um bilhete, por exemplo se a gente quer falar uma coisa pra gente de outra cela a gente manda um **catatau**, é um bilhetezinho, a gente escreve o bilhete e manda pra outra cela, o **catatau** a gente chama, é quando a gente manda, quando vai passar a gente chama de **bonde** também, tipo, né, quando a pessoa vai e passar uma coisa de uma cela pra outra [...] porque a gente utiliza o rodo, coloca a sacola no rodo e empurra a mão porque a cela tem uma distanciazinha de uma pra outra, passa pelo **pirulito**, a grande que a gente chama de **pirulito** [...] a gente passa e chama isso de **bonde** também.

Ademais, a análise revelou que o vocabulário gírio é também uma ferramenta de distinção social dentro do presídio, ganhando um caráter dualístico, na qual é prestigiosa e, ao mesmo tempo, estigmatizada. Isso porque as gírias de grupo são utilizadas para a comunicação dentro do presídio, desde a nomeação de objetos e de regras, no entanto, ao serem utilizadas fora do ambiente prisional, elas são estigmatizadas, conhecidas como “linguagem de bandido”, conforme é possível observar nos trechos a seguir:

(03) Dona Ilda: [...] **Salve** cela [...], aí eu falo, **salvou**, toca a campainha aí, aí eu toco, se ela passar mal, eu falo com a menina, a **frente** né, eu falo, “oh, fulana, [...], **salve** [...], ela fala “**Salve** Dona Ilda”, eu falo, “vou tocar a campainha pra [...] porque ela tá passando mal, porque elas tem medo de chegar e de repente, no momento que elas tiverem com alguma coisa [...] aí tem que avisar pra elas, uma vez a gente foi tocar sem avisar, elas reclamaram que tinha que avisar, aí eu peguei e logo a visão, com medo, né [...]

(04) E: Você fala as gírias daqui do presídio?

<sup>2</sup> Os nomes utilizados para nomear as entrevistadas são fictícios, com a finalidade de preservar suas identidades.

Eva: [...] Não, não porque já pensou eu tá no lugar e falar “moço deixa eu ir no **boi**”... Tem as gírias, mas eu não gosto de falar das gírias.

[...]

Eva: Aqui tem muita **mula** [...] ela é **Jack** mas o pessoal respeita porque ela é tranquila e tava com depressão depois do parto [...]

Isso posto, é possível concluir que as gírias estão intrinsecamente ligadas à vivência das internas no ambiente prisional, servindo como um acordo social e uma construção de identidade dentro do grupo.

898

## CONCLUSÕES

A pesquisa conclui que as gírias de grupo desempenham um papel crucial na construção de identidade e na dinâmica social dentro do Presídio Advogado Nilton Gonçalves. Essas gírias não apenas facilitam a comunicação, mas também servem como uma forma de resistência cultural e empoderamento para as internas. Entender a função das gírias no contexto carcerário pode informar programas de reabilitação e apoio, reconhecendo a importância da linguagem na formação de identidade e na coesão social. Como sugerido por Schilling-Estes (2007), a pesquisa sociolinguística em contextos marginais pode revelar dinâmicas sociais complexas que são frequentemente ignoradas em estudos mais tradicionais.

## REFERÊNCIAS

BELL, A. Language style as audience design. **Language in Society**, Cambridge, v. 13, n. 2, p. 145-204, 1984.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 87–100, 2012.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. 2. ed. New York: Wiley-Blackwell, 1994.

PEREIRA, E. S.; SOUSA, V. V.; DE SOUZA NETO, F. G. (Sobre)vivências no encarceramento: reflexões sobre o uso de gírias por mulheres no cárcere. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. e5141, 2024.

PRETI, D. **Variações Linguísticas**. São Paulo: Contexto, 1984.

SCHILLING-ESTES, N. Sociolinguistic Fieldwork. In: HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. (Eds.). **The Handbook of Language and Gender**. 2. ed. Malden: Blackwell, 2007. p. 164-187.

THOMPSON, A. **A Questão Penitenciária**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

Realização:



Apoio:

